

*NARRATIVAS DE UMA PROFESSORA  
APOSENTADA: HISTÓRIA DE VIDA,  
MEMÓRIA E FORMAÇÃO*

Stenio de Brito Fernandes<sup>1</sup>

Ana Lúcia Oliveira Aguiar<sup>2</sup>

Aleksandra Nogueira de Oliveira Fernandes<sup>3</sup>

resumo

O artigo objetiva compreender como os saberes da experiência de uma professora aposentada, têm contribuído para educar e formar crianças, jovens e adultos da Comunidade do Rosado, Rio Grande do Norte. É uma pesquisa de natureza qualitativa, na qual usamos como método de investigação os estudos da (auto)biográfica com foco nas narrativas formativas. Apontamos que as narrativas de vida e a formação da professora possibilitam, por meio dos saberes da

---

1 Graduado em Geografia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Especialista e Mestre em Educação pela UERN. Professor permanente, nível IV, da Secretaria da Educação e da Cultura do Estado do Rio Grande do Norte (SEEC/RN). E-mail: steniondre@hotmail.com.

2 Graduada em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Pós-doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora Adjunta IV da UERN. E-mail: anaaguiar@uern.br.

3 Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional (PPGEP) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Professora de Didática do IFRN. E-mail: aleksandra.nogueira@ifrn.edu.br.

experiência tais como: costurar, bordar, cantar e ensinar, a construção da formação do cotidiano dos moradores dessa comunidade, afirmando-se como sujeitos de pertença desse lugar. Apresentamos os saberes de uma professora que tem nas mãos e na alma a arte de ensinar o que aprendeu com o outro, na convivência em coletividade.

palavras-chave

Narrativas (Auto)biográficas. Saberes da Experiência. Memória. Formação.

## 1 Introdução

Este artigo<sup>4</sup> aborda a história de vida, a memória e a formação de uma professora aposentada que está na terceira idade. Sua convivência harmoniosa na comunidade abriu caminhos para um envelhecimento saudável, e isso trouxe benefício para o seu bem-estar físico e emocional decorrente da sua missão de ensinar e educar em coletividade. A professora pode gozar de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana conforme o estatuto do idoso (BRASIL, 2004). Ainda jovem, buscou através da educação, oportunidades de socializar seus conhecimentos com o outro.

Apresentaremos os saberes da experiência dessa professora, que tem nas mãos e na alma o desejo de ensinar o que aprendeu com o outro na convivência em comunidade. Para Passeggi (2008), a escrita de si nas narrativas (auto) biográficas permite às pessoas dar forma às experiências, fazer significar as situações e os acontecimentos de suas existências, representar e inscrever o curso de sua vida nas temporalidades e nos espaços de seu ambiente histórico e social. A partir do conhecimento de si, proporcionado pelas narrativas reflexivas, surgiu o interesse de pesquisar sobre os sujeitos do lugar, com o intuito de trilhar um caminho para si e com o outro, de permitir ser o que somos.

A partir do objetivo da pesquisa problematizamos a seguinte questão: como os saberes da experiência de uma professora aposentada têm contribuído para educar e formar crianças, jovens e adultos da Comunidade do Rosado/RN? É uma pesquisa de natureza qualitativa referendada em autores como

---

4 Este artigo é um recorte da pesquisa de mestrado intitulada *Contar a vida, construir a formação: narrativas de empoderamento dos povos do mar da Comunidade do Rosado/RN*, apresentada em 2018 no Programa de Pós-Graduação em Educação POSEDUC da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/Brasil. Relaciona-se à linha de pesquisa: Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão.

Bogdan e Biklen (1994). De acordo com estes, a investigação qualitativa em educação assume muitas formas, por conseguinte é conduzida em múltiplos contextos. Segundo os autores, é formulada com o objetivo de investigar os fenômenos em toda a sua complexidade e em contexto natural. Nesse ambiente de construção da pesquisa é privilegiada, essencialmente, a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação.

Utilizamos como método de investigação a pesquisa (auto)biográfica. Apoiar-se teoricamente em (JOSSO, 2010), (DELORY-MOMBERGER, 2008a; 2008b) e (PASSEGGI, 2006; 2008). Segundo Josso (2010), a pesquisa (auto)biográfica ou narrativa (auto)biográfica são relatos de vida escritas, centradas na perspectiva das experiências formadoras<sup>5</sup> e fundadoras de nossas identidades, em evolução, de nossas ideias e crenças, mais ou menos estabilizadas, de nossos hábitos de vida e de ser com relação a nós mesmos, aos outros, ao nosso meio humano e natural (JOSSO, 2010). De acordo com Delory-Momberger (2008a), o que dá forma ao vivido e à experiência dos homens são as narrativas que eles fazem de si. A autora acrescenta que, a narração não é apenas o instrumento da formação, mas a linguagem na qual esta se expressaria. Para a autora, “a narração é o lugar no qual o indivíduo toma forma, no qual ele elabora e experimenta a história de sua vida” (DELORY-MOMBERGER, 2008a, p. 56).

A Comunidade do Rosado, segundo Barros (2009), está localizada na faixa litorânea da região nordeste do Brasil, especificamente na costa setentrional do estado do Rio Grande do Norte e incluso dentro dos limites territoriais do município de Porto do Mangue/RN, que fica a 10 quilômetros da sede. Tem belas paisagens de encantar os olhos de quem visita, as falésias, as dunas a vegetação da Caatinga que avançam do interior até o litoral. É um lugar de sujeitos que vivem do mar e do campo, de pessoas simples, que preservam seu espaço de moradia. É conhecida pela combinação de cores entre os sedimentos esbranquiçados das dunas com os terrenos avermelhados e alaranjados dos latossolos<sup>6</sup> e do barreiras<sup>7</sup>. Tem-se a coloração rosada, daí a origem do nome

---

5 “Falar das próprias experiências formadoras é, pois, de certa maneira, contar a si mesmo a própria história, as suas qualidades pessoais e socioculturais, o valor que se atribui ao que é ‘vivido’ na continuidade temporal do nosso ser psicossomático. Contudo é também um modo de dizermos que, nesse *continuum* temporal, algumas vivências têm uma intensidade particular que se impõe à nossa consciência e delas extrairemos as informações úteis às nossas transações conosco próprios e/ou com o nosso ambiente humano e natural” (JOSSO, 2010, p. 47-48).

6 Solos constituídos predominantemente por material mineral, em geral profundos, velhos, bem drenados, baixo teor de fragmentos de rocha, baixo teor de materiais facilmente intemperizáveis, homogêneo, estrutura granular, sempre ácidos, nunca hidromórficos.

7 Cobertura de origem sedimentar continental; tabuleiros com altitude média de 40m acima do nível do mar. Sedimentos de granulometria variada formados por areia, silte e argila com concreções ferruginosas.

Rosado. O lugar não se constitui só de pescadores, pois muitos exercem outras atividades econômicas e desenvolvem diversas funções sociais. Na comunidade, encontramos diferentes atores sociais: pescadores, marisqueiras, artesãos, poetas, cordelistas, agricultores, líderes comunitários, sindicalistas e professores entre outros, que residem neste espaço de vivências e se afirmam como o seu lugar de pertença.

O Rosado é uma comunidade, que mesmo com o surgimento das novas tecnologias, mantém as tradições deixadas pelos primeiros habitantes do lugar. Os moradores manifestam os desejos da memória nos seus espaços comuns, como a vida no lugar, onde se preserva a natureza das modificações promovidas pelo homem, nas lutas diárias e nas práticas solidárias aos sentidos atribuídos às experiências vividas. A comunidade é um espaço de diferentes saberes, por meio dos quais os sujeitos, na convivência com o outro, se confirmam, modificam e ampliam suas memórias, bem como reconstróem o passado e planejam o futuro.

Começamos o roteiro de entrevista<sup>8</sup> fazendo uma visita à casa da professora que vamos chamar de Dona Rosarinha<sup>9</sup>. A entrevistada é uma idosa de 79 anos, a mesma explicou que chegou à Comunidade do Rosado em 1958, quando tinha 18 anos. Nascida na Comunidade de Ponta do Mel<sup>10</sup> descreve que a Praia do Rosado, à época, era deserta e tinha poucas casas. Disse que não estava feliz na comunidade e queria abrir uma escolinha na sua casa para trabalhar como professora, em busca dos diferentes saberes. Procurou ampliar o conhecimento de mundo a partir da reflexão das histórias de vida e experiências, fundamentais para o processo de formação. E por todas essas contribuições, Dona Rosarinha é uma referência na educação. As histórias de vida e experiência da entrevistada foram ouvidas e gravadas, a fim de que não se percam com o passar dos anos.

Este artigo encontra-se organizado em duas seções: na primeira, abordaremos as experiências formativas de uma professora aposentada da Comunidade

---

8 Para o sujeito deste estudo perguntamos se aceitava participar da pesquisa e se concordavam em assinar o termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o termo de autorização de uso de imagem, das narrativas e da publicação. Consideramos o respeito pela dignidade humana e pela especial proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos e consideramos o desenvolvimento e o engajamento ético. Explicamos sobre a eticidade da pesquisa; sobre os aspectos éticos da pesquisa envolvendo seres humanos e ressaltamos o que deve atender aos fundamentos éticos como constam na Resolução Nº 510/2016.

9 O nome da entrevistada citada neste artigo é nome fictício, escolhido pela própria moradora da comunidade a fim de primar por sua identidade, pois esse nome tem um significado e pertença pela convivência do lugar onde mora.

10 Ponta do Mel, uma Comunidade litorânea pertencente à cidade de Areia Branca/RN, que fica a 3km da Comunidade do Rosado/RN.

do Rosado/RN: lembranças vividas ao longo da vida. Na segunda, apresentaremos as experiências da professora aposentada, compartilhada com crianças, jovens e adultos da Comunidade do Rosado/RN: saberes que educam.

## 2 Experiências formativas de uma professora aposentada da Comunidade do Rosado/RN: lembranças vividas ao longo da vida

Neste estudo, as narrativas (auto)biográficas são vistas como pontos de acesso às histórias de vida, pois segundo Josso (2008, p. 27): “as histórias de vida narrativa é, assim, uma mediação de conhecimento de si em sua existencialidade, que oferece à reflexão de seu autor oportunidades de tomada de consciência”. A autora afirma que “seus diferentes registros de expressão e de representações de si, assim como sobre as dinâmicas que orientam a formação” (JOSSO, 2008, p. 27). A experiência dos sujeitos comuns da Comunidade do Rosado/RN, conforme Bondía (2002), é o que passa e o que acontece aos sujeitos. Mas dentro da experiência existe um sujeito da experiência, o lugar da experiência, e o acontecimento da experiência. Esses são os pontos a serem observados no decorrer desta viagem, através das narrativas da professora aposentada. O sujeito da experiência para Bondía (2002) está inserido em espaços de lugares e dos acontecimentos.

Nas narrativas dos moradores da Comunidade do Rosado/RN, os saberes da experiência como: pescar, costurar, rezar e cantar dos mais velhos, ensinam aos jovens a arte de ser e pertencer ao lugar. São esses conhecimentos do dia a dia, do senso comum, que, para Martins (2000, p. 59), representam algo que é “comum não porque seja banal ou mero e exterior conhecimento. Mas porque é conhecimento compartilhado entre os sujeitos da relação”. Isso implica dizer que sem significado compartilhado não há interação.

Nesse momento, o leitor é convidado a navegar nas narrativas de Dona Rosarinha (não sendo este seu nome de batismo). Conta que “se chamaria Maria do Rosário, mas seus pais a batizaram com outro nome”. Rosarinha é como gosta de ser chamada. A narradora é uma professora aposentada que passou os saberes da experiência, a saber: costurar e fazer almofadas para outros moradores da comunidade. Estes, por sua vez, estão repassando para outros sujeitos do lugar. Para Martins (2000) são esses sujeitos comuns, na vida cotidiana, que, na prática, criam as condições de transformação do impossível em possível. Segundo Martins (2000, p. 102): “o cotidiano não tem sentido divorciado do processo histórico que o reproduz”. Dessa forma, as lembranças extraídas da

memória dos moradores assumem fundamental importância para a comunidade. São lembranças cultivadas da vivência e das experiências vividas pelas gerações passadas a serem revividas pelos seus descendentes. A memória do sujeito, conforme explica Bosi (1994), depende do seu relacionamento não só pessoal, mas familiar, grupal, social da memória. Os encantos, as lembranças da infância, as dificuldades, a força e a paixão por pertencer a essa comunidade superaram e resistir às adversidades do tempo vivido.

Dona Rosarinha é um exemplo de luta e perseverança na Comunidade. Antes de ir morar na Praia do Rosado, vivia com seus pais, na Comunidade de Ponta do Mel. Em suas narrativas, relembra que era uma menina pobre, filha de um pescador e de uma costureira. Nesse momento Dona Rosarinha abre um espaço para “seu” “Momentos Charneira”.<sup>11</sup> Esses momentos exigem dos sujeitos, experiências e vivências como tomada de decisões, tais como: renúncias, dores, traumas e angústias a se colocarem diante de situações inusitadas e a necessidade de novas adaptações, sentidos, significados e assimilações (JOSSO, 2010).

A narradora conta que seu pai pescava na Ponta do Mel, e comenta: “a gente não tinha o pão de cada dia toda hora que queria, né? Mas, para mim, não existia tristeza. Eu passava na rua cantando aqueles cantos de Luiz Gonzaga”. Relembra: “quando eu estava no Mel, ficava no rádio escutando. Aí, escrevia, escrevia, escrevia. Hoje, amanhã, eu lá de novo, dizia: ‘Comadre Raimunda, ligue aqui o rádio para eu escutar’. Ficava ouvindo e escrevendo, até concluir a música. Conseguia copiar todinha”. Fica evidente o seu gosto pela música. Quando pequena acompanhava sua mãe, que cantava na igreja. Adora cantar, como ela mesma diz: “com minhas amigas da comunidade, a gente faz brincadeira, dança e se diverte”.

A entrevistada relata que sua mãe costurava em uma máquina de mão, enquanto ela ficava ao seu lado cantando o canto de São Sebastião: “Sois Mártir de Cristo, Meu Santo varão. Livrai-nos da seca, São Sebastião”. Depois, ela pedia para sua mãe um pedacinho de pano para fazer a roupa das bonecas. Relata que sua mãe cortava as roupas e a ensinava como fazer. Em seguida, fazia igual. Na infância, sua mãe construiu momentos de aprendizagem e formação para sua vida, ensinou a ler e escrever.

Ao chegar à Praia do Rosado em 1958, aos 18 anos de idade, Dona Rosarinha dedicou-se às tarefas religiosas, exerceu a missão de catequese na Capela de

---

11 “Momentos ou acontecimentos-charneira são aqueles que representam uma passagem entre duas etapas da vida, um ‘divisor de águas’. Charneira é uma dobradiça, algo que, portanto, faz o papel de uma articulação. Esse termo [...] designa os acontecimentos que separam, dividem e articulam as etapas da vida” (JOSSO, 2010, p. 90).

São Francisco de Assis, padroeiro da Comunidade do Rosado/RN. Ela explica como chegou à Comunidade do Rosado e como conheceu seu esposo:

Quando foi com dezoito anos, eu arranjei esse rapaz daqui da Praia do Rosado. Me encontrei com ele e a gente ficou de olhar um para o outro. Foi quando cheguei a me casar com ele. Ele me trouxe para aqui e eu nunca tinha vindo aqui neste lugar chamado o Rosado, como se chama. Quando eu cheguei, eu fiquei desorientada. “Meu Deus que lugar é esse? Meu Deus, onde é que eu estou?” Tinha hora que eu esquecia até do casamento [risos], tão cruel era o lugar. Só tinha animal, areia. Tinha morro e o mar. Quando pensava que não, só era mata [...]. (Narrativas<sup>12</sup> de Dona Rosarinha, moradora da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 20/07/2017).

Para Dona Rosarinha, a vida na comunidade, no seu tempo, não era tarefa fácil, existiam muitas dificuldades. Era muito jovem, casou-se em 1958. Ela relembra que nessa época, o local possuía só mato e era muito deserto, se contava as casas, eram cinco ou seis. A entrevistada expressa “que teve desgosto do lugar”, mas, com o tempo, acabou se acostumando, porque sempre foi uma menina que gostava de se divertir. E diz: “eu não olhava se eu era feia ou não, ou pobre, eu queria trabalhar assim na alegria, pra mim, não existia essa tal de tristeza”.

Como forma de passar o tempo na comunidade, relata que gostava muito de visitar a casa de três velhinhas, como ela as denominou, nascidas e criadas naquela comunidade, moravam na serra. São elas: Dona Maria Domingas, Dona Joana e Dona Sebastiana. Quanto às histórias de vida de Dona Maria Domingas, Dona Rosarinha explica: “ela gostava muito de rezar e conversar com a gente, ela contava que a vida dela, era uma vida difícil”. Acrescenta: “porque às vezes ela via os meninos chorando dizendo que queria isso, queria aquilo”. A entrevistada comenta:

[...] Quando eu cheguei aqui, ela dizia tudo isso, que era muito difícil as coisas [...]. Mas, para elas, está tudo bom, porque esse pessoal de antigamente não é igual a esse pessoal de hoje, né? Eu me sentia tão bem quando eu ia para a serra, conversar com elas. A gente ia diretozinho conversar sobre aquele passado, aquelas coisa difícil que tinham aqui. Hoje, não lembro muito bem das coisas que elas diziam, assim, na época. Elas gostavam de ensinar as orações. Cada orações bonitas para a gente escutar! (Narrativas de Dona Rosarinha, moradora da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 20/07/2017).

---

12 Todas as transcrições das entrevistas estão nos mesmos termos, tal como está escrito (*ipsis litteris*), respeitando a identidade e as linguagens locais dos moradores da comunidade.

Nessa narrativa, a moradora Dona Rosarinha conta sobre as lembranças de Dona Maria Domingas, uma moradora que viveu por muito tempo na comunidade e passou suas experiências de vida e formação aos filhos e netos. A reza e as orações são tradições deixadas por Dona Maria Domingas e permanecem vivas no dia a dia dela e de outros moradores. Relembrar as conversas, os ensinamentos dos mais velhos do lugar através da memória é compreender momentos perdidos e, talvez, tornar mais humano o nosso presente (BOSI, 1994).

A reminiscência de Dona Rosarinha, em lembrar-se das conversas na casa das três idosas, leva-nos aos ensinamentos de Pollak (1992), quando afirma que essa lembrança se torna um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva. Esse refazimento da memória possibilita o seu afloramento e evoca as lembranças dos acontecimentos, dos lugares que marcaram sua história de vida.

Dona Rosarinha tinha um desejo de educar as crianças, os jovens e os adultos da comunidade. Nesse sentido, como podemos definir a palavra educação? Segundo Doll (2008, p. 9): “[...] educação é um processo intencional que busca levar outras pessoas a certo tipo de comportamento. Esse tipo de comportamento desejado é vinculado ao que se define, em uma determinada sociedade, como ‘ser educado’”. Os espaços de saberes na comunidade também são uma escola. Segundo Brandão (2007), são diversas as formas de educação que aprendemos e praticamos, até que elas se multipliquem entre todos os que ensinam e aprendem em diversos lugares. Nas narrativas, se percebe que, na Comunidade do Rosado/RN, existe um compartilhamento desses conhecimentos com os pares, que aprendem a conhecer, a fazer, a viver com os outros, a ser. Isso confirma o pensamento de Brandão (2007, p. 10), que: “da família à comunidade, a educação existe difusa em todos os mundos sociais, entre as incontáveis práticas dos mistérios do aprender”.

Nesse propósito de ensinar e educar, Dona Rosarinha, em 1959, com ajuda de seu esposo, construíram na sala da casa uma escolinha. Em seguida fizeram um quadro na parede de cimento. Devido a essa escolinha, Dona Rosarinha começou com a missão de ensinar. Doll (2008, p. 9-10), afirma que a educação “[...] se trata de um processo intencional, o que quer dizer que ela não resulta do acaso, mas existe uma vontade, seja consciente, seja inconsciente, que quer educar e levar os outros ao comportamento desejado”. Com esse desejo, Dona Rosarinha colocou em prática um projeto que começou com poucos meninos, mas foi crescendo, chegando a quarenta e três alunos. Com o tempo, o número de crianças foi aumentando. Na sala de aula, conta que fazia dramatização e festinhas. No dia sete de setembro, ela fazia brincadeiras e cantava o canto da Bandeira “*O salve é lindo*” e “*Ouvira do Ipiranga*”.

Nas relações sociais com o outro, na vida em sociedade, a educação acontece com quem vivemos, aprendemos e ensinamos. Conforme Brandão (2007, p. 10): “[...] a educação é, como outras, uma fração do *modo de vida* dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade”. O autor expressa as diversas formas de educação, nos diferentes espaços de saberes. Confirmamos essas reflexões nas narrativas de Dona Rosarinha, ao contar as experiências que aprendeu quando chegou à Praia do Rosado e relatar esse aprendizado compartilhado.

Dona Rosarinha narrou que na década de 1960, começou a trabalhar como professora na comunidade por intermédio de um senhor que veio à comunidade tirar fotos, era um fotógrafo. Ele perguntou o motivo de haver tantas crianças em sua casa e ela respondeu que era porque ensinava esses meninos a ler e a escrever. O fotógrafo se comoveu com sua bela atitude e disse que a ajudaria. Ele tirou, então, fotos dos meninos e depois trouxe as imagens reveladas. Dez dias se passaram, Dona Rosarinha recebeu a visita do prefeito de Carnaubais/RN, reconhecendo o seu trabalho na comunidade e lhe oferecendo um emprego de professora. A partir desse momento, seguiu com seus propósitos de ensinar e educar<sup>13</sup>.

Para Bondía (2002) a palavra paixão pode se referir a várias coisas. Ela é um elemento da experiência. Sem paixão não se vivencia o sujeito da experiência, porque esses saberes se dão na relação entre o conhecimento e a vida humana, e é um saber que não pode se separar do indivíduo concreto em quem encarna. Sem paixão não é possível capturar a experiência, nem fazer referência ao outro. Não se pode pensar em si mesmo, no outro, sem essa paixão pelo outro.

Por gostar de cantar e ensinar, e de participar das novenas da igreja, Dona Rosarinha construiu muitas amizades na Comunidade do Rosado/RN. Durante a semana, ministrava aula na escola, com a ajuda dos padres da igreja, e aos sábados catequizava as crianças para a Primeira Comunhão. Quanto ao apoio do Padre José e Padre Murilo para comunidade, ela conta que os dois religiosos foram muito importantes para a formação dos moradores do Rosado. Sobre esse suporte, Dona Rosarinha diz: “me ajudaram bastante, porque aquilo que não sabia, dizia pra eles, aí, eles traziam orientações para mim”. Sobre aquela

---

13 “[...] O educador exerce certa autoridade sobre o educando, que pode ser, dependendo da relação educador-educando e do tipo de educação, desde uma autoridade benevolente e limitada até um autoritarismo absoluto e destruidor. Durante todos os séculos, a vinculação da educação com a moral e o comportamento ético sempre foi forte, um traço que já existia na época grega e romana, quando se discutiu se as virtudes podem ser ensinadas. Mesmo com outros enfoques, a questão moral continua até hoje um aspecto importante da educação” (Doll, 2008, p. 10).

tristeza do deserto do lugar que sentia quanto chegou à Praia do Rosado: ela acabou! Hoje Dona Rosarinha externaliza:

eu amo esse lugar, aqui onde moro, por que é uma comunidade muito calma [...]. Gostava muito de festa. Hoje, graças a Deus, estou feliz da vida porque moro aqui. Meus filhos moram perto de mim, minhas amigas. Tenho muitas amigas na minha comunidade.

Trata-se de uma viagem pelos saberes da experiência dessa professora que conta as lembranças da infância, o que aprendeu com o outro, e o desejo de ensinar o que aprendeu para as novas gerações da comunidade. No percurso pela memória dessa moradora, as histórias de vida em narrativas (auto) biográficas representam muito mais que o ato de contar fatos, elas permitem registrar e captar os acontecimentos individuais ou coletivos dos sujeitos em formação, contribuindo para a ação reflexiva. Qualquer grupo tem sua história e essa história é construída e reconstruída por meio da convivência das pessoas em sociedade. Para Bosi (1994, p. 90): “a história deve reproduzir-se de geração a geração, gerar muitas outras cujos fios se cruzem, prolongando o original, puxado por outros dedos”.

As narrativas de história de vida e formação levam por caminhos e lembranças que o tempo não apagou. Estão rememoradas e ressignificadas nas suas narrativas. Tais narrativas revelam que o passado e o presente andam juntos. Os acontecimentos da época estão guardados fortemente na memória dos moradores mais antigos da comunidade. Eles relembram o tempo da lamparina, do lampião, das brincadeiras, das conversas no terreiro, entre outros momentos.

As mudanças que ocorreram na comunidade foram frutos, sobretudo, do trabalho de Dona Rosarinha, voltado para ensinar e educar as crianças, os jovens e os adultos do lugar. Os moradores da comunidade trazem experiências que aprendem em diferentes lugares, na praia, no campo, na comunidade. De acordo com Freire (1987), os sujeitos aprendem porque são seres sociais, porque a coletividade se faz no diálogo com outro e com o próprio mundo. Para Brandão (2007), não se pode dizer que existe apenas uma educação específica, mas sim educações, porque estamos a todo momento no processo de aprender, conhecer, formar saberes e nos formar em sociedade.

3 Experiências da professora aposentada compartilhadas com crianças, jovens e adultos da Comunidade do Rosado/RN: saberes que educam

Relacionamos as narrativas de Dona Rosarinha aos quatro pilares da Educação, a saber: ensinar, aprender, conviver e ser firmados no relatório

apresentado à Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) pela Comissão Internacional para a Educação do Século XXI (DELORS, 2001). Por sua vez, esses pilares oferecem sustentação para o entendimento dos espaços de construção dos saberes na comunidade. As narrativas (auto)biográficas estão diretamente relacionadas a uma concepção de educação construída ao longo da vida de um sujeito histórico-social, valorizando o seu processo de formação e os sentidos que se constroem pelas trajetórias de formação (PASSEGGI, 2006). Os relatos da professora entrevistada serão um passaporte para uma viagem no tempo, passando por lugares e acontecimentos que marcaram a sua memória na Comunidade do Rosado/RN. A história de vida segundo Delory-Momberger (2008b), não é a história da vida, mas a ficção apropriada pela qual o sujeito se produz como projeto dele mesmo. Para a autora, “[...] só pode haver sujeito de uma história a ser feita, e é, à emergência desse sujeito, que intenta sua história e que se experimenta como projeto, que responde o movimento da biografização” (DELORY-MOMBERGER, 2008b, p. 66). As histórias de vida e da formação de Dona Rosarina sinalizam para quem viveu o seu tempo e soube aproveitar cada momento proporcionado pelo lugar, tais como: fazeres do lar, arte de ensinar, cantar, bordar e costurar, a convivência com o outro, ou seja, todos os minutos da vida na comunidade.

As narrativas (auto)biográficas permitem saber como os sujeitos aprendem com o outro e que lições foram ensinadas ao longo da vida em comunidade. Acessar essas narrativas é adentrar no cotidiano das histórias de vida e formação dessa moradora do Rosado é conhecer os seus fazeres e saberes das atividades construídas na comunidade biograficamente. Como conta Dona Rosarina, a primeira professora que disseminou o saber ensinar para o outro, no exercício da docência, trata-se de histórias de formação, lições de aprendizagem no lugar dos acontecimentos. Como narra:

Eu trabalhava, não era professora formada. Eu, com o meu interesse, graças a Deus, o que eu não entendia eu procurava, porque eu tenho uma grande amiga aí em Mossoró, Rosário [...]. Chamamos de Rosário de Chambi. Ela foi muito importante para mim, já me orientou muito, me ajudou bastante. Ainda hoje, me sinto feliz quando vejo ela, pelo pouco saber que ela me deu. Rosário e outras pessoas a mais, como: Aurineide, Toinha, Maria Crizalda, todas essas pessoas foram quem me ajudaram bastante. E hoje, as coisas mudaram demais, mas a escola da comunidade está muito pra frente. *Dizer a verdade é bonito*, porque, hoje, se eu chegar em uma sala de aula, eu não farei mais o que estão fazendo hoje em dia, porque tudo mudou [...]. Se fosse no tempo de antes eu sabia, mas, se eu tivesse continuado trabalhando, eu fazia o mesmo que os professores de hoje em dia fazem, exemplo. Mas que eu procurei outras coisas para minha mente. Ainda hoje, eu ainda costuro, eu faço tricô, eu faço crochê,

eu faço almofadas de vários tipos [...]. (Narrativas de Dona Rosarinha, moradora da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 20/07/2017).

A profissão docente requer formação, pois estamos em constante processo de aprender-fazer. Freire (1996) afirma que, a prática docente, especificamente humana é profundamente formadora e por isso ética, ou seja, o educador tem uma grande responsabilidade em suas mãos. Dona Rosarinha faz uma reflexão sobre sua prática quando ainda ensinava. E passa uma lição de humildade quando se coloca em dizer que não sabe e que está aprendendo com o outro. Segundo Freire (1996), somos seres inacabados e inconclusos, não sabemos tudo, sabemos algumas coisas, estamos em constate processo de formação. Para a narradora, é significativo aprender com o outro, trocar experiências com as colegas de profissão. Nesse sentido, uma frase da entrevistada chama a atenção: “dizer a verdade é bonito”. Por meio dessa fala, reconhece que o tempo e o espaço das mudanças aconteceram, e que os tempos são outros. Dona Rosarinha continua a fazer o que gosta: canta, costura, borda, tricota, faz crochê e almofadas. Sobre a arte de fazer tricô e crochê, ela conta:

[...] Foi interessante uma coisa. A minha menina chegou em Carnaubais, aí perguntaram por mim. A minha menina, disse: “A minha mamãe está lá fazendo raiva e fuxico”. [E lhe responderam]: “Não acredito que Rosarinha viva de fazer fuxico!”. [Ela disse]: “Não, é aqueles bordados, que chama fuxico. Fazendo raiva é aquelas bolinhas. É coisa boa, é comida!” Aí, assim eu continuei minha vida. Graças a Deus, sou muito feliz com as professoras que tem ali. Lucivanda é uma grande amiga minha. É muito ocupada. Todos os que trabalham no colégio são muito amigos meus, gosto demais das festinhas que fazem. Toda vida que fazem as festas, a diretora diz que eu posso ir. Eu me sinto feliz com isso, com tudo isso que vem acontecendo agora [...]. (Narrativas de Dona Rosarinha, moradora da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 20/07/2017).

Em suas narrativas, Dona Rosarinha expressa felicidades pelo reconhecimento da comunidade no que se refere ao seu papel prestado na educação. Essa moradora levantou a bandeira da educação para o Rosado, alfabetizou e formou crianças, jovens e adultos. Os moradores reconhecem sua missão de educadora e fazem referências ao trabalho que fez na comunidade. Muito dedicada à missão de educar e catequizar construiu a primeira escola.

Passou a ser a pioneira do movimento eclesialístico e educacional da localidade. Pelos relevantes serviços prestados em favor da Educação e da Comunidade Católica da Praia do Rosado, a professora chegou a ser homenageada na Câmara Municipal de Porto do Mangue/RN, no dia 16 junho de

2016. Todas as crianças e adolescentes, adultos hoje, tiveram a satisfação de ter sido alunos dela, foram poucos os que não estudaram com ela. A primeira escola da comunidade foi na casa de Dona Rosarinha, muito querida por todos. Os pais pagavam um valor por mês na época. O desejo dos moradores é que esses saberes da experiência de Dona Rosarinha sejam transmitidos para as novas gerações da comunidade. Os moradores relembram que a professora, aposentada naquele tempo, ensinava com amor. Para Freire (1996) o sujeito tem que despertar a curiosidade, que move, inquieta na busca pelo aprender. Conforme afirma Josso (2010, p. 274):

Aprender não é apenas aprender isso ou aquilo; é descobrir novos meios de pensar e de fazer diferente; é partir à procura do que poderá ser "diferente". É por isso que hoje me arriscaria a dizer que o ato de aprender transformado em "ato de pesquisa" poderia permitir aos aprendentes desenvolver a sua criatividade, as suas habilidades, a sua capacidade de avaliação (auto e coavaliação, valor extraído ou atribuído a...), a sua capacidade de comunicação e negociação [...].

A capacidade de aprender está presente na construção biográfica desses espaços de formação, nas diversas dimensões da vida, tais como: em casa, com os amigos, nos espaços de sociabilidade, nas relações interpessoais, consigo mesmo, com os lugares de vivências, no trabalho. Tais situações permitem ao sujeito aprender, aprender a ser, aprender a fazer e aprender a conviver. Os moradores contam que, através dos ensinamentos de Dona Rosarinha, se iniciou a educação para os filhos e netos da comunidade. Começou, também, a incrementação de novenas e dramatizações bem antes da fundação da primeira capela. Os moradores explicam que Dona Rosarinha preparou diversos jovens, ensinando o catecismo. Realizava as dramatizações, as datas comemorativas, como Dia das Mães. E a partir da chegada dos dois padres, Padre Venturelles Vilella e Padre Murilo, reunia os jovens para a crisma.

Na Comunidade do Rosado, Dona Rosarinha construiu sua identidade profissional. Afirmou que tem quatro filhos, dois homens e duas mulheres. Hoje é viúva. Relata que ensinou a sua filha, hoje uma professora formada. Narrou que suas maiores experiências na educação ocorreram quando foi trabalhar pela colônia dos pescadores. Na época, ensinava no MOBREAL<sup>14</sup>. Contou que viajava para participar das capacitações em Natal/RN. Sobre a escola na comunidade a moradora explica:

---

14 Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL): programa criado em 1970, pelo governo federal, com objetivo de erradicar o analfabetismo do Brasil em dez anos. O programa foi extinto em 1985 e substituído pelo Projeto Educar.

Hoje eu não trabalho mais, estou aposentada. Mas fui muito feliz com meus alunos, eles tinham muito interesse em aprender; os meninos eram demais [...]. Eu hoje não chego mais para uma sala de aula, porque eu não sei fazer nada, porque tudo mudou, né? Hoje, a gente não vê mais os meninos lendo o alfabeto, ditado de palavras, exercício, tudo era pelo livro. Quando eu não sabia, perguntava as pessoas para me orientarem. Assim, eu continuei. Estou muito feliz com o que já fiz. (Narrativas de Dona Rosarinha moradora da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 07/09/2017).

Dentre suas lembranças, destaca o compromisso com o trabalho, regado de amor e paixão pela arte de ensinar e aprender. As narrativas de Dona Rosarinha são lições de vida, sem limitação para expor suas memórias. Pelo contrário, todas as narrativas voltam ao passado, que permanece vivo nas suas lembranças de hoje. Sua dedicação pela profissão de educar, está presente ainda hoje, sendo perpassada pelo desejo de continuar na missão que escolheu: de ensinar o que aprendeu com os seus pais e parentes. Nas palavras dessa professora:

O meu saber foi assim: minha mãe me ensinou a fazer crochê, minha tia fazia ponto de cruz, eu aprendi com elas [...], depois, comecei a fazer o tricô, aprendi com minha madrinha. Fazia muito sapatinho para recém-nascido. Depois do sapatinho, foi bordado na máquina, eu fazia lençóis de cama, fazia, e o pessoal via e comprava, por que eu precisava, né? Eu ainda sei bordar de máquina. (Narrativas de Dona Rosarinha, moradora da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 07/09/2017).

Os saberes da experiência, para Dona Rosarinha, são as experiências compartilhadas com o outro, por isso tem um cuidado e zelo pelo que faz. A arte de costurar, bordar, cantar e ensinar veio dos seus antepassados. Uma das atividades que preserva até hoje são as cantigas do passado, que cantava na escola e na igreja. Mas a vida não é feita apenas de bons momentos. Reside na sua memória um momento de muita tristeza e superação, quando perdeu seu marido. Já se passaram treze anos, mas a tristeza e a ausência dele não a fazem desistir de participar das atividades da comunidade. Ela continua fazendo as brincadeiras com as meninas no pastoril. Segundo ela: “é muito interessante, eu acho, e dou mil graças a Deus do que eu sou, do que eu faço com minhas amigas da comunidade. Trabalho na igreja, e, assim, a gente continua”. Neste momento, a professora lembra-se de um canto do pastoril e o reproduz: “Nós somos as rainhas das aves, de todas as rainhas é a primeira, botei meu pastoril na rua, só pra dar o que falar essas lindas faladeiras. Se não quiser se remexer, só pra ver se não apanha”. Suas narrativas exprimem a emoção e a alegria de cantar.

Dona Rosarinha expressa como foi tecendo, fio a fio, suas experiências: “aprendi a costurar com minha mãe. Ela me ensinou a ler e a escrever”. Quanto às experiências como educadora, ela diz: “como professora, ensinei os meninos a ler e escrever”. Como educadora construiu sua identidade profissional e passou a ser reconhecida pelo importante papel exercido na educação da Comunidade do Rosado/RN. No momento atual, Dona Rosarinha passa seus saberes da experiência para os adultos e os jovens da comunidade, como o entendimento de uma construção formativa. Seus saberes da experiência contribuíram para o seu crescimento profissional e pessoal. Desenvolveu com sua arte de educar a busca da formação para muitos moradores da comunidade.

Com base nos relatos, é possível dizer que as narrativas de Dona Rosarinha, revelam o viver, o sonhar e o praticar o seu lugar de pertencimento. Atualmente a moradora passa boa parte do seu tempo entretida fazendo suas atividades artísticas. Segundo Doll (2008, p. 20), essas ocupações são excelentes para as pessoas da terceira idade, pois ajudam a manter as “[...] nossas capacidades cognitivas como a memória e a reflexão”. O autor ainda salienta que, “[...] dessa forma, utilizando nosso cérebro, manter-se informado, continuar aprendendo, treinando a memória é a melhor forma de se proteger ou amenizar possíveis perdas cognitivas que possam acontecer, geralmente por causa de doenças” (DOLL, 2008, p. 20). Dona Rosarinha é uma idosa que esbanja vitalidade, está sempre de bem com a vida e sua aposentadoria não tirou o desejo de busca por atividades significativas. E assim como Doll (2008) salienta esse viver bem, também pode ser compreendido como um processo educativo.

#### 4 Algumas considerações

As narrativas (auto)biográficas são compreendidas, para este estudo, como um processo de transformações do sujeito, no pensar em si, falar de si e escrever sobre si. Surgem em um contexto intelectual dinamizado pela invenção de si próprio e da valorização da subjetividade e das experiências privadas.

Diante das narrativas da professora aposentada da Comunidade do Rosado/RN, apontamos como resultados, que as narrativas de experiências de vida e formação, possibilitaram através dos saberes da experiência, tais como: costurar, bordar, cantar e ensinar, a construção da formação do cotidiano de crianças, jovens e adultos da comunidade. Os caminhos de acesso a essas experiências formativas foram as narrativas (auto)biográficas da professora que vivenciou e vivencia seus saberes em compartilhamento com o outro.

Percebemos que suas lembranças estão gravadas no tempo e na memória dos moradores da comunidade. Através das suas narrativas, relembra por meio de uma memória ativa o início da formação da comunidade, conta como tudo começou. Recorda das dificuldades, dos ensinamentos, dos saberes da experiência compartilhada com o outro, e dos momentos prazerosos vivenciados em coletividade.

Para esta pesquisa, o método (auto)biográfico se constituiu numa fonte rica de narratividade. O estudo na Comunidade do Rosado/RN teve a intenção de enfocar historicamente os saberes da experiência de Dona Rosarinha, pessoa comum, e seu modo de se posicionar como sujeito ativo na comunidade em que vive. A moradora foi agente de um processo histórico em que no seu dia a dia construiu e (re)construiu seu espaço na relação social.

*NARRATIVES OF A RETIRED TEACHER:  
LIFE HISTORY, MEMORY AND FORMATION*

abstract

The article aims to understand how the knowledge of the experience of a retired teacher has contributed to educate and to form children, youth and adults in the Rosado Community/RN. It is a qualitative research, we use (auto)biographical research as a method of investigation focusing on formative narratives. We point out that the teacher's life and formation narratives enable, through the knowledge of the experience, namely: sewing, embroidering, singing and teaching the construction of the daily training of the residents of this community, asserting themselves as subjects belonging to this place. We present the knowledge of a teacher, who has in her hands and in her soul the art of teaching what she has learned with the other while living together.

keywords

(Auto)biographical Narratives. Knowledge of Experience. Memory. Formation.

## referências

- BARROS, Luis Felipe Fernandes. O Desenvolvimento do geoturismo no município de Porto do Mangue/RN com base no complexo "Dunas do Rosado": patrimônio geológico Potiguar. *Pesquisas em Turismo e Paisagens Cársticas*, Campinas, v. 2, n. 1, p. 69-77, 2009. Disponível em: [http://www.cavernas.org.br/wp-content/uploads/2021/07/ptpc\\_v2\\_n1\\_069-077.pdf](http://www.cavernas.org.br/wp-content/uploads/2021/07/ptpc_v2_n1_069-077.pdf). Acesso em: 20 jan. 2016.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Portugal: Porto Editora, 1994.
- BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/rj/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 31 maio 2017.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRANDÃO, Carlos. Rodrigues. *O que é educação*. 51. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- BRASIL. *Lei Federal 10.741, de 1º de outubro de 2003*. Estatuto do Idoso. Brasília: Congresso Nacional, 2004.
- DELORS, Jaques (org.). *Educação: um tesouro a descobrir – relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI*. 5. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC/UNESCO, 2001.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. *Biografia, corpo, espaço: tendências da pesquisa (auto) biográfica*. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008a.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto*. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008b.
- DOLL, Johannes. Educação e envelhecimento: fundamentos e perspectivas. *A Terceira Idade*, São Paulo, v. 19, p. 7-26, 2008.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 19. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- JOSSO, Marie-Christine. As histórias de vida como territórios simbólicos nos quais se exploram e se descobrem formas e sentidos múltiplos de uma existencialidade evolutiva singular-plural. In: PASSEGGI, Maria da Conceição (org.). *Tendências da pesquisa (auto) biográfica*. Natal: EUFRN; São Paulo: Paulus, 2008. p. 23-27.
- JOSSO, Marie-Christine. *Experiência de vida e formação*. 2. ed. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.
- MARTINS, José de Souza. *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A formação do formador na abordagem autobiográfica: a experiência dos memoriais de formação. In: SOUZA, Elizeu Clementino de. *Pesquisa (auto)biográfica: tempo, narrativas e ficções — a invenção de si*. Porto Alegre: EDUPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006.

PASSEGGI, Maria da Conceição. *Tendências da pesquisa (auto)biográfica*. Natal: EDUFERN; São Paulo: Paulus, 2008.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>. Acesso em: 15 set. 2015.

Data de submissão: 12/05/2020

Aceito em: 05/04/2021